

Helena MATEUS SILVA

Universidade dos Açores

DO AGENTE DA PASSIVA E DA SUA OCULTAÇÃO¹

"... si le sujet communiquant peut
mentionner l'attitude de quelqu'un d'autre,
il ne peut *exprimer* que la sienne."

(O. DUCROT—1989: p.190-191)

Herança da tradição gramatical greco-latina, a *passiva* é estudada, nos manuais de gramática tradicional, como uma voz do verbo, como uma flexão verbal paralelamente ao tempo, ao modo, ao

1- Esta comunicação foi apresentada no IX Encontro Nacional da APL com o título *Do agente da passiva e seu apagamento*. Por tal título ter suscitado alguma controvérsia, visto não ter sido desenvolvida uma análise sintáctica do tema em causa, achei oportuno alterá-lo para o presente título que resume a reflexão acerca da *passiva de ser* entendida como uma "estratégia de supressão e ocultação do agente". Registe-se, no entanto, que no *Dicionário de Linguística* de J. Dubois et alii (1973/1988 Trad.Port.) se define **apagamento** "Em gramática gerativa [como] uma operação que consiste na supressão do constituinte de uma frase em condições definidas por uma transformação"(p.59), acrescentando-se na p.461 o seguinte: "Chama-se *elipse* ou *apagamento do agente da passiva*, a transformação que apaga o complemento de agente ou agente da passiva do verbo passivo." Refira-se ainda que no *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol.II organizado por Maria Francisca Xavier e Maria Helena Mateus (1992) não é registado o termo **apagamento**, classificando-se a **transformação** na sintaxe e nos termos gerais, e, tendo-se tomado para fonte Chomsky (1965), a mesma é definida como uma "Operação, ou processo, que relaciona dois níveis de representação sintáctica." (p.386).

aspecto, à pessoa ou ao número. Hoje, na terminologia linguística, a *passiva* é classificada como uma construção frásica, um tipo de frase facultativo ou uma transformação. Não se tratará apenas de um capricho terminológico: esta denominação pretende contemplar toda a frase, todos os constituintes envolvidos na operação da passivação e não apenas o verbo como era norma na gramática tradicional.

Ainda neste tipo de gramática, a *passiva* é analisada em termos de uma conversão gramatical, como o resultado de uma permuta executada sobre uma *frase activa*: mantêm-se os mesmos elementos —agente / paciente / verbo transitivo—; alteram-se os lugares anteriormente ocupados pelo *agente* e *paciente* (o *sujeito gramatical* agente na activa passa a *agente da passiva* e o *paciente objecto directo* da activa passa a *sujeito da passiva*); flexiona-se o verbo com o auxiliar ser+particípio passado. Assim, a uma estrutura *activa* constituída por agente + v.transitivo + paciente, corresponde a *passiva* paciente+ v.ser+p.p.+ prep. (por/de) + agente.

Resultado desta conversão, o paciente pode ser expresso como sujeito da oração. Na maioria dos manuais a esta informação se limita a notícia sobre a *voz passiva*. Cite-se, para exemplificação, Soares Barbosa: "Mas se [o português] não tem verbos passivos, nem por isso deixa de ter voz passiva, isto he, huma fôrma de expressão, que o verbo adjectivo toma para indicar, que o sujeito da oração não he ja o agente como na voz activa, mas o paciente da acção. Ora para isto basta-lhe so huma Linguagem simples, que he a do participio

perfeito passivo, declinado por generos, e por números deste modo."²

À *passiva de ser* também tradicionalmente classificada de "acção", dois outros tipos são acrescentados: a *passiva de estar* ou de "estado" e a *passiva de se* ou passiva média. Conquanto não me detenha na classificação de passiva atribuída a certas frases, ilustradas em *O livro está bem feito* ou *O pequeno estava cansado de tanto andar*³, remetendo-se para CASTELEIRO (1981)⁴ e RANCIHOD (1990), será oportuno referir que neste momento temos à nossa disposição princípios e critérios de análise, nomeadamente na teoria do léxico-gramática, que permitem analisar, com maior rigor, este tipo de frases nas construções de predicados nominais com estar (Cf. RANCIHOD (1990)).

Abandona-se, contudo, neste espaço, a *passiva de estar* principalmente por esta não corresponder à estrutura antes indicada para a *passiva*, ou seja, não participa de um agente e de um paciente invertidos. Em frases do tipo (1) *Os Açores estão rodeados pelo Atlântico.*, em que se prevê uma frase activa

2 - BARBOSA, Jerónimo Soares (1822), *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á nossa Linguagem*, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 2ªed., 1830, p.254.

3 - Exemplos citados em "Observações sobre o emprego das vozes activa e passiva", na *Gramática da Língua Portuguesa* de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina da Luz (1971: p.523), precedidos da seguinte afirmação: "O resultado duma acção acabada exprime-se em português, tal como em espanhol, por meio do auxiliar *estar* e do participio passado do verbo que se conjuga."

4 - Chama-se a atenção para o cap.I, ponto 4.5.3.*Adjectivos e participios passados* (pp.69-102), particularmente para a distinção entre participios passados que funcionam como os adjectivos e participios passados que se afastam dos adjectivos (pp.71 e ss.).

correspondente— (2) *O Atlântico rodeia os Açores.*, a frase (1), mesmo que derivada de (2), parece ter perdido essa relação pelo uso. Enquanto (1) *Os Açores estão rodeados pelo Atlântico.* é uma frase natural que poderá ser justamente emitida por um falante do Português, (2) *O Atlântico rodeia os Açores.* já não parecerá tão natural. Neste caso, a pouca naturalidade de que se revestem certas passivas "canónicas" que só têm existência na gramática, como *O rato foi comido pelo gato*, revela-se na frase activa (2) *O Atlântico rodeia os Açores.* Encontrar-nos-emos, prevê-se, na presença de dois verbos *rodear* : o verbo *rodear* transitivo e a construção transitiva indirecta *estar rodeado por*, tendo cada qual usos contextuais diferentes: *rodear* será mais frequentemente utilizado com um sujeito/agente [+hum], ex. (3) *O Tiago rodeia sempre as questões.*, enquanto *estar rodeado por* pode seleccionar para sujeito/paciente quer um N[-hum] quer um N[+hum], ex: (4) *O lago está rodeado por belas árvores.*; (5) *O Tiago está rodeado por bons amigos.*

Quanto à *passiva de se*, que manifesta igualmente características singulares na língua portuguesa, será objecto de referência, dado que as construções passivas que permitem a supressão do agente aproximam-se em muitos casos da *passiva de se*. Comparem-se as frases (6) e (7):

(6) *Foi assinado finalmente um acordo de paz entre a OLP e Israel.*

(7) *Assinou-se finalmente um acordo de paz entre a OLP e Israel.*

Apesar de não ter constituído objectivo desta comunicação estudar os contextos em que o *agente da passiva* 1) figura no enunciado (+porN)⁵; 2) não figura no enunciado e não pode ser restabelecido (-porN); 3) não figura no enunciado, mas pode ser restabelecido (+porN>-porN), registei alguns dados significativos para o objecto em causa — o agente da passiva e a sua ocultação. Quanto à presença ou apagamento do agente da passiva, num número de trezentas frases seleccionadas do português corrente escrito⁶, na maioria textos de informação, 54% apresentava o agente expresso, enquanto em 46% se verificava o apagamento do mesmo. Aparentemente esta diferença não parecerá significativa. No entanto, analisando de entre essas frases 50 verbos, 88% permitiam o apagamento do agente da passiva, como se pode verificar na tábua em anexo (coluna 3), onde se assinala que apenas os verbos *avançar/formular, dirigir/orientar, indicar, interpretar e liderar* não permitem o apagamento do agente, a não ser quando se introduza na frase um modificador (+porN>-porN/Mod), (cf. coluna 4). As frases (8)a., (8)b. e (8)c. ilustram a propriedade referida.

(8)a. A sessão foi dirigida pela presidente da mesa.

(8)b.* A sessão foi dirigida.

(8)c. A sessão foi bem dirigida.

Numa base da diferenciação de comportamento sintáctico prevista para as construções verbais que não aceitam a supressão do agente,

⁵ - Embora o agente da *passiva de ser* possa ser introduzido por outras preposições que não *por*, como *de* ou *entre*, optou-se pela notação +porN ou -porN em vez de +prep.N, uma vez que a preposição *por* representa a regularidade.

⁶ - Não se tomou para observação a oralidade por se ter verificado que, em conversas informais, raramente são utilizadas construções passivas, a não ser quando o locutor pretenda fazer insinuações junto do seu interlocutor, servindo-se, por exemplo, de frases como *O teu namorado foi visto ontem no cinema*. Estas frases encontram correlação no vago indeterminado e "boateiro" diz-se.

poder-se-ia argumentar por uma hierarquização dos verbos que admitem passiva de ser.

Registaram-se ainda verbos, como *disputar, eleger, oferecer, propor, provocar, recomendar, utilizar e ver*, que, quando em contextos com valor restritivo como a relativização, não permitem o apagamento do agente, pois este terá aí também um valor determinativo. Comparem-se as frases (9)a. e (9)b. A aceitabilidade de (9)b. será contestada, visto que se perdeu o valor restritivo indicado em (9)a.

(9)a. *Tomaram-se em consideração as medidas de segurança que foram recomendadas pelas escolas.*

(9)b. **Tomaram-se em consideração as medidas de segurança que foram recomendadas.*

Releve-se igualmente a constatação de que, nas construções *passivas de ser* analisadas, alguns verbos exigem a presença do agente da passiva, mas nenhum exige o seu apagamento (cf. coluna 2 da tábua em anexo). Logo, poder-se-á avançar que a "supressão ou ocultação" do agente da passiva não depende de imposições de ordem sintáctica. Daí que não tivesse sido considerado pertinente o estudo dos contextos sintácticos em que ocorria ou não o agente da passiva.

Estudada como transformação, a *passiva*, tal como as outras transformações, não pode ser, "em caso algum, assimilada a modificações de discurso."⁷ É também segundo o princípio de

⁷ - Cito a informação que, a propósito das transformações, nos é fornecida pelo *Dicionário de Didáctica das Línguas* (GALISSON e COSTE (1976/Trad.Port.1983: p. 718): "Sendo as transformações regras que permitem passar das estruturas profundas à estrutura superficial de uma frase e dar conta da multiplicidade das estruturas

transformação que se constatam os mesmos itens gramaticais na *activa* e na *passiva*. Outro princípio que tem merecido grande aceitação é o de que, na *passiva*, se relega para segundo plano o agente semântico/sujeito gramatical da *activa*. É de tal modo é o sujeito/agente relegado, na *passiva*, para segundo plano que, considerado já não elemento fundamental na frase, a sua supressão é permitida. Estas poderão ser as conclusões a que se chega ao analisar-se gramaticalmente a frase *passiva* correspondente a uma frase *activa* — confrontem-se os exemplos (10), (11) e (12).

(10) *O carro atropelou o transeunte.*

(11) *O transeunte foi atropelado pelo carro.*

(12) *O transeunte foi atropelado.*

Mas serão as mesmas conclusões tão evidentes se nos colocarmos no plano da enunciação? Será que uma frase *passiva* veicula a mesma informação da frase *activa* de que deriva?

Se analisarmos a frase (10) *O carro atropelou o transeunte*, em termos de tema e comentário⁸, faremos a seguinte interpretação: o *carro* é tema e *atropelou o transeunte* é o comentário. Logo a informação nova é o *transeunte ter sido atropelado*.

superficiais e do número restrito das estruturas profundas, não podem, em caso algum, ser assimiladas a modificações de discurso."

⁸ - Dentro da teoria da enunciação vários termos têm sido propostos para indicar "o que é posto" e "o que é dito" (Para maior elucidação do que é "posto" e do que é "dito" cf. DUCROT 1984). Das variáveis combinações de tema/rema, tópico/comentário, tema/comentário, sujeito/predicado, informação dada/informação nova, talvez a minha primeira opção recaísse no par sujeito/predicado. Contudo, estando os termos sujeito/predicado estreitamente conotados com a análise lógico-semântica da gramática tradicional, parece-me mais adequado o binómio tema/comentário por uma questão de diferenciação de conceitos, e dado nem sempre haver coincidência entre tema e sujeito gramatical.

Para a análise da passiva correspondente (11) *O transeunte foi atropelado pelo carro*, duas hipóteses poderão ser colocadas:

- a) *o transeunte* mantém a sua categoria de comentário e *pelo carro* de tema;
- b) *pelo carro* faz parte do comentário, sendo, portanto, não-tema e *o transeunte* é tema.

A hipótese a) é a que suporta o entendimento de que o agente na passiva está em segundo plano, o que permite o seu apagamento, ou seja, um locutor que afirme (11) *O transeunte foi atropelado pelo carro*, ao topicalizar o paciente, neste caso *o transeunte*, estará a enfatizar o facto de este ter sido atropelado. Dizer (11) *O transeunte foi atropelado pelo carro*, seria então o mesmo que (12) *O transeunte foi atropelado*, ou (13) *Atropelaram o transeunte*. A competência lexical do interlocutor informá-lo-ia de que o agente semântico de atropelar é um veículo. A possibilidade de apagamento do agente favorece a hipótese de que ele é tema, logo já "posto".

Confirmada de modo tão evidente a hipótese a), parece não ter lugar b). Porém, atente-se em (14) *O transeunte foi atropelado pelo carro da polícia*. Tendo-se procedido à determinação do carro, alterou-se o que antes fora tido como "posto", como tema. *Pelo carro da polícia* fará parte agora do comentário, predicando de certa forma o sujeito. (14) *O transeunte foi atropelado pelo carro da polícia*, já não tem como equivalentes semânticos (12) *O transeunte foi atropelado*, ou (13) *Atropelaram o transeunte*.

Se retomarmos ainda a frase activa (15) *O carro da polícia atropelou o transeunte.*, correspondente a (14), em que *o carro da polícia* é tema, verifica-se que (15) *O carro da polícia atropelou o transeunte.* não diz o mesmo que (14) *O transeunte foi atropelado pelo carro da polícia.* Dizer-se (14) *O transeunte foi atropelado pelo carro da polícia.* permite enfatizar-se o agente da passiva, orientando-se, desse modo, a atenção do interlocutor para o "dito", a informação nova — ter sido *um carro da polícia* (e não um carro qualquer) a atropelar A.

A capacidade de deslocação do agente da passiva para primeiro lugar na frase, por exemplo (16) *Pelo carro da polícia o transeunte foi atropelado.*, diz-nos da verificação da hipótese b); a ênfase que recai sobre este constituinte revela-o como "dito"/comentário e não como "posto"/tema.

A manipulação de exemplos vários favoreceu a seguinte verificação: se a nível sintáctico podemos constatar os mesmos elementos gramaticais na frase activa e na frase passiva, a nível da enunciação tal correspondência poderá não ser total. Este princípio favorece à passiva a possibilidade de produzir modificações a nível do discurso, o que, por sua vez, permite afirmar-se que uma frase activa e uma frase passiva não dizem necessariamente o mesmo.

Da presente exposição infere-se o seguinte:

1) Se o agente da passiva corresponder a um sujeito/agente cuja especificação esteja marcada lexicalmente, o agente é tema e o seu

apagamento será um caso de economia linguística, não impedindo o interlocutor de obter uma informação completa. Ao deparar-se com a frase (17) *Os alunos foram aprovados*, qualquer falante do Português interpretará para agente um elemento do corpo docente, um professor, um júri de professores... Estes são os casos em que a *passiva de ser* é equivalente à *passiva de se*, a qual tem como condição sintáctica não admitir o agente expresso. Veja-se (17) e (18).

(17) *Os alunos foram aprovados.*

(18) *Aprovaram-se os alunos.*

2) Se a informação lexical não permitir determinar o agente, prevê-se a sua inscrição no "dito". Fazendo parte da informação nova, quando comentário, torna-se importante a realização do agente da passiva, sendo o seu apagamento significativo para o interlocutor ter acesso a uma informação completa. Comparem-se as frases (17) e (18) com (19) que, descontextualizada, não nos dá qualquer informação lexical sobre o agente.

(19) *Foi denunciada a corrupção política.*

3) Quando tema, o *apagamento do agente da passiva* não pode ser interpretado como uma estratégia de ocultação do agente por parte do loquente, e até será estilisticamente salutar.

4) Quando comentário, o *apagamento do agente da passiva* será uma estratégia de ocultação do agente, utilizada pelo locutor com a intenção de manipular o ser interlocutor.

Estas considerações fazem-nos discordar de a supressão do agente da passiva ser considerada um processo de "neutralização" do sujeito/agente.

Com esta análise, embora sucinta, da *passiva de ser* em termos da enunciação, pretendeu-se demonstrar que a *frase activa* e a *frase passiva* não dizem o mesmo. Para que uma frase activa e a sua correspondente passiva não digam o mesmo é elemento fundamental o agente: enquanto o sujeito/agente na activa só pode ser tema/"posto", o agente da passiva pode ser interpretado como tema/"posto" ou como comentário/"dito". Esta segunda possibilidade leva a colocar-se o enfoque na construção *passiva de ser* não apenas como um processo de topicalização do Objecto/paciente e consequentemente de ênfase desse objecto, mas também como um processo de enfatização do sujeito/agente, quer através da sua deslocação à esquerda, quer através do seu apagamento.

Mas, mais importante, o agente da passiva interpretado como comentário permite considerar-se a *passiva de ser* não uma conversão sintáctica que coloca o objecto/paciente em sujeito gramatical da oração, mas antes, e essencialmente, uma estratégia de supressão e ocultação do agente, um processo de manipulação do locutor. A *ocultação do agente da passiva* possibilita ao locutor agir sobre o interlocutor pela negativa, ou seja, possibilita-lhe colocar-se num nível superior, assumindo-se detentor da informação que não pretende revelar.

Como uma estratégia de supressão e ocultação do agente, a *passiva de ser* poderá incorporar-se nos actos ilocutórios indirectos. Reconhecemo-la como "dizer implícito", o qual, segundo Kerbrat-Orecchioni (1986), sempre se enuncia sob uma capa⁹, através de palavras "escondidas". Dito de outro modo, um "dizer implícito" não respeita a máxima conversacional de que o que se tem a dizer deve ser dito explicitamente¹⁰. Um sujeito falante que recorra à construção passiva e à ocultação do agente explicitamente quer não dizer tudo, explicitamente pretende dar uma informação incompleta ao seu interlocutor.

Expressando a *passiva de ser* a atitude do sujeito falante, a sua intenção, o seu estudo revelar-se-á mais adequado se for incluído não só na componente sintáctica da gramática, como se observa na maioria dos manuais, mas também na componente semântica e pragmática. O interesse do estudo da *passiva de ser* encontra-se, creio, não na descrição de quais verbos aceitam ou não a transformação passiva, não na construção de frases de laboratório que, para além do jogo gramatical, pouca representatividade terão num estudo especulativo da língua, mas no desvelar, este processo gramatical, os silêncios significativos na língua.

⁹ - Sobre o "dizer implícito" consulte-se, para uma análise de pormenor, KERBRAT-ORECCHIONI (1986). A autora classifica o "dizer implícito" uma violação da lei da exaustividade, uma vez que "le dire implicite est en quelque sorte un "sous-dire" (qui s'énonce "sous cape", "à mots couverts")"(p.275).

¹⁰ - Tradução do princípio conversacional enunciado nos seguintes termos por KERBRAT-ORECCHIONI (1986: p.275): "De l'existence des maximes conversationnelles découle donc un principe tel que: ce qu'on a à dire, on doit en principe le dire explicitement."

ANEXO

TÁBUA DE CONSTRUÇÕES PASSIVAS DE SER

VERBOS	+porN	-porN	+porN>-porN	+porN>-porN/Mod
abater	—	—	+	—
aprovar	—	—	+	—
assegurar	—	—	+	—
avançar/formular	+	—	—	+
censurar	—	—	+	—
confirmar	—	—	+	—
convidar	—	—	+	—
convocar	—	—	+	—
criticar	—	—	+	—
dirigir/orientar	+	—	—	+
derrubar	—	—	+	—
descobrir	—	—	+	—
destruir	—	—	+	—
discutir	—	—	+	—
disputar	+(1)	—	+	+
distribuir	—	—	+	—
elaborar	—	—	+	—
eleger	+(1)	—	+	+
encertar	—	—	+	—
escrever	—	—	+	—
expandir	—	—	+	—
esperar	—	—	+	—
garantir	—	—	+	—
ignorar	—	—	+	—
indicar	+	—	—	+
informatizar	—	—	+	—
interpretar	+	—	—	+

VERBOS	+porN	-porN	+porN>-porN	+porN>-porN/Mod
levantar	—	—	+	—
levar	—	—	+	—
liderar	+	—	—	+
mencionar	—	—	+	—
ocupar	+(1)	—	—	?
oferecer	+(1)	—	+	+
ouvir	—	—	+	—
perseguir	—	—	+	—
preparar	—	—	+	—
proibir	—	—	+	—
propor	+(1)	—	+	+
provocar	+(1)	—	+	+
recomendar	+(1)	—	+	+
recuperar	—	—	+	—
recusar	—	—	+	—
rejeitar	—	—	+	—
recuperar	—	—	+	—
resolver	—	—	+	—
responder	—	—	+	—
transmitir	—	—	+	—
utilizar	+(1)	—	+	+
vender	—	—	+	—
ver	+(1)	—	+	?

- (1) - Os verbos assinalados com (1) apresentam a seguinte restrição: a aceitabilidade do apagamento do agente da passiva é discutível quando em contextos com valor restritivo como a relativização. Se se proceder ao apagamento do agente a frase relativa perde o seu valor restritivo. Compare-se (9)a. *Tomaram-se em consideração as medidas de segurança que foram recomendadas pelas escolas* e (9)b. *Tomaram-se em consideração as medidas de segurança que foram recomendadas.*

BIBLIOGRAFIA

- BLANCHE-BENVENISTE (1984), "Commentaires sur le passif en Français", in *Travaux 2, Le passif*, Cercle Linguistique d'Aix-en-Provence, Université de Provence.
- CASTELEIRO, João Malaca (1981), *Sintaxe Transformacional do Adjectivo*, INIC, Lisboa.
- CHOMSKY, Noam (1965), *Aspect of the Theory of Syntax*, The MIT Press, Cambridge. Trad. Port. José A. MEIRELES e Eduardo Paiva RAPOSO, *Aspectos da Teoria da Sintaxe*, Arménio Amado, Coimbra, 1978, 2ªed.
- DUCROT, Oswald (1972), *Dire et ne pas dire, Principes de sémantique linguistique*, Hermann, Paris, 1991, 3ªed.(corrigida e aumentada).
- (1984), *Le Dire et le Dit*, Editions de Minuit, Paris.
- (1989), *Logique, Structure, Énonciation*, Editions de Minuit, Paris.
- GROSS, Gaston et alii (dir.) (1993), *Langages, Sur le Passif*, nº109, Março 93.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine, *L'implicite*, Armand colin, Paris, 1986, 2ªed.
- RANCHHOD, Elizabete (1990), *Sintaxe dos Predicados Nominais com Estar*, INIC, Lisboa.
- ROGGERO, Jacques (1984), "Le passif, le causatif et quelques autres formes assez étranges", in *Travaux 2, Le passif*, Cercle Linguistique d'Aix-en-Provence, Université de Provence.